

CADÊ O POVO DA VILA DA QUINTA?

Renata Ávila Troca¹

RESUMO: O presente artigo tem como proposta apresentar a minha experiência de aplicação da Lei 10.639/03 que se refere aos conteúdos de História e Cultura Afro-Brasileira que deverão ser ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras. A intenção é que os conceitos do que é Arte e Literatura sejam repensados como aplicação prática de sala de aula.

Palavras-chave: Cultura afro-brasileira. Literatura. Literatura Periférica. Educação Escolar.

ABSTRACT: This essay has the purpose my present an application experience of Law 10.639/03. This Law refers to subjects related to History and Afro-Brazilian Culture that will be administered in school curriculum in all Brazilian schools, especially Brazilian Artistic Education and Brazilian Literature and History. The intention is that the concepts about “What is Art? What is Literature?” could be thought during the teaching practice.

Keywords: Afro-Brazilian Culture. Literature. Peripheral Literature. School Education.

PRONOMINAIS

Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido
Mas o bom negro e o bom branco
Da Nação Brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro.

Oswald de Andrade

Este texto surge com a finalidade de apresentar uma experiência didática em uma das escolas que atuo como professora de Português/Literatura. Trata-se de uma atividade relacionada à realidade de uma comunidade interiorana de Rio Grande (RS/Brasil). *Cadê o negro da Vila da Quinta?*, foi essa a pergunta que me fiz quando ganhei novo olhar na sala de aula, como professora da rede estadual, tentando encontrar alguma resposta para justificar o porquê da necessidade de pensar esta ausência e a urgência em encontrar resposta a ela, dentro e com a Literatura. Assim sendo, esta escrita está organizada em três momentos. Primeiro, a

¹ Doutoranda em Literatura Luso-Africana na Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS. E-mail: renataa.t@hotmail.com

apresentação de como a literatura é vista e apresentada em alguns dos livros didáticos que chegam às salas de aula, orientando o pensamento do professor, e conseqüente, do aluno, sobre as definições do que é Literatura, até conseguir estabelecer uma apresentação dos conceitos de Literatura Marginal e Literatura Periférica; após, um resgate da história do negro da Vila da Quinta e por último, a prática em si, do projeto que ocorreu durante todo o ano letivo de 2014, e final de 2013.

1 Afinal, o que é literatura?

Arte da imitação pela linguagem, assim Aristóteles definiu a Literatura. Uma imitação que não necessariamente é real, ou baseada na realidade, e, portanto, o gênero lírico aqui não poderia estar inserido, já que seria impossível imitar ou ficcionar em poesia. Além da ausência deste gênero literário que veio a ser implementado tempos depois, também ficam de fora, como nos lembra Silveira, “gêneros que frequentemente são qualificados “menores”, e que possuem presença marcante em todas as literaturas do mundo, como as orações, exortações, provérbios, adivinhações. Não por coincidência, esses gêneros são marcados pela oralidade.” (AUTOR, 2005, p. 19). Sendo insuficiente essa definição, uma segunda conceituação do que é Literatura é exposta, baseada ainda no belo, considerado no século XVIII, característica não-utilitária; “a Literatura, desta forma, é considerada como uma linguagem não instrumental, que encontra seu valor nela mesma” (SILVEIRA, 2005, p. 19).

Pensando nas atualizações que a conceituação de Literatura teve no decorrer da história, vasculhei alguns livros didáticos apresentados às escolas estaduais do Rio Grande do Sul, publicados em 2013, e oferecido às escolas em 2015, e encontrei que:

Para nós, arte é, antes de mais nada, uma palavra, uma palavra que reconhece quer o conceito de arte, quer o fato de sua existência. Sem a palavra, poderíamos até duvidar da própria existência da arte, e é um fato que o termo não existe na língua de todas as sociedades. No entanto, *faz-se* arte em toda a parte. A arte é, portanto, também um objeto, mas não é um objeto qualquer. A arte é um objeto estético, feito para ser visto e apreciado pelo seu valor intrínseco. As suas características especiais fazem da arte um objeto à parte, por isso mesmo muitas vezes colocado à parte, longe da vida cotidiana, em museus, igrejas ou cavernas. E o que se entende por estético? A estética costuma ser definida como “o que diz respeito ao que é belo.”² (AMARAL, 2013, p. 11)

² Citação de JANSON, H.W. História geral da Arte Adaptação e preparação do texto para a edição brasileira de Maurício Balthasar Leal. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 11-12, analisada por Amaral.

A definição apresentada por Janson exclui da definição de arte as funções práticas e utilitárias que as obras possam ter. E também, pensando nisso, Amaral e os outros organizadores da temática, induzem o aluno, através de exercícios, a evidenciar que:

Se em nossa cultura existe a palavra **arte** e realidades identificadas como **obras de artes**, então existe um conceito e realizações humanas que concretizam esse conceito. Mas podemos duvidar de que seja um conceito universal, existente em todas as culturas. (AMARAL, 2013, p. 12, grifos da autora)

Da mesma forma, porém mais abrangente, a editora Moderna, pensará sobre o mesmo conceito, afirmando que:

Durante muito tempo, a arte foi entendida como **representação do belo**. Mas o que é belo? O que essa palavra significa para nós, ocidentais, hoje, e o que ela significou para os povos do oriente ou para os europeus que viveram na Idade Média? (...)

Do século XX, em diante (...), ela [a arte] deixa de ser apenas a representação do belo e passa a expressar também o movimento, a luz ou a interpretação geométrica das formas existentes. (...) chega a enfrentar o desafio de representar o inconsciente humano. Por tudo isso, a arte pode ser entendida como a permanente recriação de uma linguagem. (...) Ou seja, a arte pode ser uma **provocação, espaço de reflexão e de interrogação**.

Toda criação pressupõe um **criador** que filtra e recria a realidade e nos permite sua interpretação. A arte, desse ponto de vista, é também o **reflexo do artista**, de alguns de seus ideais, do seu modo de ver e de compreender o mundo. (ABAURRE, 2013, p. 14/5, grifos da autora)

No entanto,

(...) antes disso, o belo não era mencionado entre os objetos produzíveis por mão humana. Para os gregos, por exemplo, a pintura e a escultura eram estudadas pela poética. O século XVIII vai inventar o termo *belas artes*, com o qual, desde então, nós associamos arte e beleza.³

Muito da arte de nossos contemporâneos tem a intenção explícita de não ser bela, em sentido clássico. A luta que as vanguardas travaram contra o classicismo teve, como uma de suas consequências, a separação entre o belo e as artes visuais.

Partindo deste princípio, Abaurre, nas páginas seguintes, apresenta uma possibilidade de estudo da Literatura. Citando Nélide Piñon, questiona sobre o caráter coletivo da Literatura:

³ Citação de WERNER, João. Disponível

em: <<http://www.auladearte.com.br/estetica/belo.htm#ixzz3cJvATjzm>>. Acesso em: 06 maio 2015, analisada por Abaurre.

“a literatura nada me deve. Eu é que tudo a ela. (...) Ela me ensina diariamente a viver. Literatura não é um produto que advém apenas do artista. A sociedade, ao longo dos séculos, pediu que sua história fosse narrada, (...)”⁴ e mais além traz Saramago, em resposta à pergunta que o jornal *O Globo* fez:

- O senhor crê que a literatura tem alguma capacidade de provocar mudanças no mundo? (...)

- A resposta está na pergunta. Pretendo tocar os leitores, criar polêmicas, estimular discussões. Mas isso não significa que a literatura tenha poder para poder mudar o mundo. Já não é pouco que seja capaz de exercer influência sobre algumas pessoas. O mundo é demasiado grande, pois somos mais de sete milhões os que habitamos neste planeta, e o poder real está nas mãos das grandes multinacionais que evidentemente não nasceram para ser agentes da nossa felicidade.⁵ (SARAMAGO apud ABAURRE, 2013, p. 18)

Assim sendo, entende-se que “a melhor maneira de descobrir “por que ler literatura” é vivenciar a oportunidade que os textos literários oferecem ao leitor de ver e compreender a realidade de uma maneira diferente, mudando a percepção dele sobre si mesmo e sobre aquilo que o cerca.” (RAMOS, 2013, p. 16). Já a Editora Positivo apresenta a definição do crítico e teórico literário Afrânio Coutinho: “A literatura, como toda a arte, é uma transfiguração do real, é a realidade recriada através do espírito do artista e retransmitida através da língua para as formas, que são os gêneros, e com os quais ela toma corpo e nova realidade.”⁶ (COUTINHO apud ALVES, 2013, p. 17). No entanto, logo em seguida a esta citação de quase quatro décadas, apresenta Paulo Freire que completa “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente.”⁷ (FREIRE, 1989, p. 09).

Ou seja, a editora preocupou-se em mostrar que a Literatura vem se transformando no decorrer do tempo, conforme muda a sociedade, ou seja, seus leitores. Porém, mesmo assim,

⁴ Citação de PIÑON, Néida. In: Campos de Lucena. Suênio. 21 escritores brasileiros. São Paulo: Escrituras, 2001. p. 146, analisada por Abaurre.

⁵ Citação de Saramago em O GLOBO, Rio de Janeiro, 20 mar. 2004. Disponível em: <www.observatorioimpresa.com.br/news/view/cecilia-gianetti>. Acesso em: 20 set. 2012. (Fragmento), analisada por Abaurre.

⁶ Citação de COUTINHO, Afrânio. Notas de teoria literária. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1976, p. 9-10. (Fragmento), analisada por Alves.

⁷ Citação de FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1989. p. 9. (Fragmento), analisada por Alves.

segue com a visão mais aristocrática do que entende por literatura, disponibilizando longas páginas para relatar as origens da literatura e suas modificações no decorrer do tempo:

A literatura surgiu para atender à necessidade humana de compreender melhor a realidade e de transmitir experiências. Todas as culturas, em todo o mundo, desenvolveram sua própria literatura, que era oral inicialmente. A literatura escrita, tal como a conhecemos hoje, só foi produzida posteriormente.

Os textos literários dividem-se em gêneros. O conceito de **gênero literário** está ligado a formas e funções dos textos escritos e tem sofrido inúmeras variações desde a Antiguidade Clássica até os nossos dias. (ALVES, 2013, p. 18, grifos da autora)

É interessante, aqui, salientar que dos cinco livros consultados, apenas dois tratam das necessárias mudanças que os gêneros literários sofreram no decorrer da história: em pequenos aspectos, não detalhados, como foi visto em Alves, na citação acima, e também Abaurre contribui afirmando que “No Renascimento, a valorização da poesia lírica, desencadeada pela produção de Petrarca consolidou o reconhecimento de três gêneros literários básicos: épico, lírico e dramático. Essa classificação, embora redutora, continua sendo usada até hoje” (ABAURRE, 2013, p. 32).

Também Silveira ajuda neste sentido:

Na modernidade, alguns autores, como Maurice Blanchot, acreditam na extinção dos gêneros na literatura, ideia que surge com a crise romântica no início do século XIX. Blanchot defende que a evolução da literatura moderna consiste em fazer de cada obra uma interrogação sobre o próprio ser da literatura. Para Todorov, porém, é justamente pelo fato de uma obra não obedecer ao seu gênero é que ela se torna a própria confirmação de sua existência. (...) Deste modo, o gênero não desaparece, mas se afirma, através das transgressões de suas leis. Todorov acredita que a origem de um gênero está nos gêneros que o antecederam. (...) A questão dos gêneros literários está centrada nas sucessivas transformações a que eles estão suscetíveis a passar. Diante disso, o autor afirma a existência de uma literatura sem gênero, uma vez que estes estão em contínua transformação. (SILVEIRA, 2005, p. 20-21)

Pensar a apresentação do que é Literatura sem a definição dos gêneros literários, faz qualquer professor se perder. Pois sair de uma forma para uma não-forma dispara o conteúdo programático para inúmeras possibilidades. Se a literatura em si já não cabe mais em duras e limitadas classificações, é necessário pensar sobre o porquê de não atualizarmos essas informações dentro da sala de aula.

Não apenas no sentido de classificação, mas também de desclassificação (ou discriminação?), a produção é questionada a partir do produtor - e aqui uso gênero masculino propositalmente, já que:

Números não esgotam a situação, mas ajudam a indicar algumas de suas características. Em todos os principais prêmios literários brasileiros (Portugal Telecom, Jabuti, Machado de Assis, São Paulo de Literatura, Passo Fundo Zaffari & Bourbon), entre os anos de 2000 e 2014, foram premiados 39 autores homens e apenas três mulheres. Outra pesquisa, mais extensa, mostra que de todos os romances publicados pelas principais editoras brasileiras, em um período de 25 anos (de 1990 a 2014), 71% dos escritores são homens e 96% são brancos. As personagens não são diferentes: 60% são homens, 79% são brancas, 80% pertencem às camadas economicamente privilegiadas – e os percentuais sobem significativamente quando são isolados narradores e protagonistas. É significativo, também, que mais de 60% dos autores vivam no Rio de Janeiro e em São Paulo e que quase todos estejam em profissões que abarcam espaços já privilegiados de produção de discurso: os meios jornalístico e acadêmico. (DALCASTAGNÈ, 2015, s.n.)

Ou seja, se a produção literária precisa caber em um determinado modelo, precisa antes de tudo também ser aceita em um espaço, lugar e estereótipo quer dizer, longe da margem social?

Mesmo cientes de que a margem está cada vez mais próxima do que um dia foi o centro isolado, faz-se ainda necessário repensar a representação de arte e artista que costumamos levar para a sala de aula, em discussões acerca de Literatura Brasileira.

2 Literatura periférica, por que não?

Érica Peçanha do Nascimento e Aline Deyques Viera, ambas especialistas no que diz respeito à Literatura Marginal da cidade de São Paulo discutem em suas pesquisas a história e a constituição de uma Literatura que não se quer nestes moldes apontados historicamente. Após mais de uma década do lançamento da primeira obra caracterizada como literatura marginal, a tendência desta escrita só tem crescido, mais livros são lançados, blogs contando escritos e divulgações das atividades promovidas pelos e pelas artistas, segundo Viera:

Intencionalmente, esses autores ao introduzirem-se no mercado editorial e de consumo, querem trazer uma nova imagem da periferia. Não mais a periferia que mata, assalta, assassina ou que trafica drogas, mas sim, uma periferia festiva, que promove a cultura, a conscientização e a educação. (VIERA, 2011, p. 67)

A Literatura Periférica existe desde os anos 90, e sendo feita por marginalizados, trata-se de um movimento que faz questionar sobre a existência de uma nova definição para a literatura no Brasil no fim do século XX e início do século XXI. Pois, este momento faz com

que pensemos historicamente, desde quando os Concretistas, o movimento da contracultura, a Poesia Marginal (anos 70), a tendência urbana e outras tendências já caracterizavam uma tradição de ruptura. Porém,

percebe-se que em todos estes movimentos há somente uma voz, a voz de uma elite que registra a voz dos excluídos, dos que pertencem à sociedade de massa. Como exemplo, temos o autor Rubem Fonseca, que desponta com sua literatura a partir dos anos 60 e que, ao lado de Sérgio Sant’Anna, como coloca Carneiro, reforçam o modo de interação da literatura com a mídia, em que não há preocupação de “estabelecer limites e de tornar uma posição ideológica definida: contra a inserção num mercado”. (VIERA, 2011, p. 15, grifos da autora)

A Literatura periférica surge escrita pela periferia para a periferia, não mais uma literatura sobre a periferia, feita pela elite para a elite.

Junto a este momento literário – escrito - encontra-se a oralidade como grande aliada. Pois o Hip-hop e os sarais são uma grande marca dos atuais movimentos literários nas e das periferias. Tanto Nascimento quanto Viera, nesse sentido, apontam o movimento Cooperifa, organizado e mantido por Sérgio Vaz.

Sérgio Vaz se apresenta como um poeta sem formação acadêmica, que aprendeu o que sabe “nos livros e no Bar e Empório Gurarujá, atual bar do Zé Batidão, onde acontecem os sarais da Cooperifa” (Aeroplano Editora). Começou a escrever poesia quando sonhava em ser jogador de futebol, o que ainda almeja. Diz que nunca anda sozinho, pois está sempre em companhia dos poetas da Cooperifa e conhece os becos e vielas do país, por isso, é folgado e agitador cultural:

Morador de Taboão da Serra, grande São Paulo, iniciou a Cooperifa com outros artistas em uma fábrica desativada em fevereiro de 2001. Meses depois, o Sarau da Cooperifa com o poeta Marco Pezão, que deflagrou um dos maiores movimentos literário de São Paulo: a literatura periférica. Lançou cinco livros, entre eles Subindo a ladeira mora a noite e Colecionador de pedras, que faz parte da coleção “Literatura periférica” da Global Editora. Outro dia, ele e mais um monte de artistas, criaram a Semana de Arte Moderna da Periferia. Ninguém ficou sabendo, mas eles fizeram.⁸

A partir dessa formação pessoal, e conseqüente intelectual, Vaz afirma que a Cooperifa é uma característica da resistência periférica, resistir através da palavra à dor da “chibata” e da “miséria”, “Uma dor que tem cor”, “que mata”, “que humilha e alimenta” (VAZ, 2007, p. 34).

⁸ Disponível em: <<http://aeroplanoeditora.com.br/sobre-sergio-vaz/>>. Acesso em: 19 jul. 2014.

E conforme declara o poeta, a Cooperifa surgiu pela necessidade de um espaço no qual os artistas periféricos pudessem divulgar seus trabalhos através de um evento em que a cultura estivesse presente em várias vertentes. Contemplaria um dia inteiro de apresentações, cuja programação incluiria diversas expressões como “poesia, música (rap, MPB, reggae e samba), teatro, exposições, capoeira, lançamento de livros, dança e desfile de cabelos afro. E, “Por conta principalmente do hip-hop, já estavam acontecendo na periferia vários eventos; a gente só queria fazer um que reunisse todo mundo” (VAZ, 2008, p. 75).

Outros movimentos similares a este ocorrem no Brasil e também no mundo, a exemplo do *O Bairro i o mundo*⁹ promovido pelo Teatro Ibisco¹⁰, em Lisboa/Portugal que é uma atividade feita por africanos moradores de bairro social (favelas) para valorizar seu espaço físico e a autoestima dos moradores. Surge “de um processo pioneiro de Inclusão pela Arte que juntou jovens de seis bairros sensíveis de Loures e que, através do Teatro, levou-os a compreender os valores da disciplina, do trabalho em equipa e da Arte como ferramenta para a capacitação, emancipação e auto-estima.¹¹”

Desde que começou [o projeto, 2009] eu já fazia parte como, não tenho problemas em dizer, como um dos jovens salvos pelo projeto. Porque o objetivo é ir buscar jovens que estão perdidos no bairro e dar aquela motivação: “tu tens algo pra dar, e não sabes. Então, eles mostram e nós... não vamos dizer que todos que entraram aqui ficaram, né?, mas nós vamos descobrindo isso e vamos dando luz ao nosso caminho em vez de tar no bairro parado a fumar, ou beber, ou alguma coisa assim... (Entrevista concedida à pesquisadora, de um jovem – imigrante caboverbiano - atuante no teatro, em 10 de outubro de 2014)

O projeto, que usa o teatro, além da arte literária e musical, tem a mesma finalidade de mostrar “a voz alta”, como bem define Allan da Rosa em entrevista a Aline Viera. Através desta voz coletiva, despertar, nos jovens periféricos, o “além” que possuem. Ou seja, muitos deles já se sentem perdidos - como citado pelo jovem caboverdiano – por não verem em sua realidade uma situação que os tirem da miserabilidade – econômica e social. A arte periférica vem sendo usada, então, como um escape a essa delimitação de vida.

⁹ Disponível em: < <http://ibisco.org/2014/07/18/ii-festival-o-bairro-i-o-mundo-na-quinta-do-mocho/>>. Acesso em: 11 nov. 2014.

¹⁰ Disponível em: < <http://ibisco.org/teatro-ibisco/>>. Acesso em: 11 nov. 2014.

¹¹ Disponível em: < <http://ibisco.org/teatro-ibisco/>>. Acesso em: 11 nov. 2014.

Eu sinto que o movimento Literatura Marginal, tem uma nova geração agora de Saraus – Sarau da Brasa, Sarau Elo da Corrente, já pegaram o ritmo e vão desenrolar de uma forma até mais legal, é um movimento que tem uma relação forte com a palavra falada, é muito forte. Qualquer Literatura, qualquer texto de jornal, tem relação com a palavra falada, mas é diferente a relação entre fazer textos que vai ser versado, eu acho que o jornalista que escreveu o jornal que está na nossa frente e muitos escritores, e muitas das poetas, não fazem textos para serem lidos em voz alta e se for lido em voz alta vai ser individualmente, para um leitor que pegou o livro, e uma das marcas do movimento é que se o texto que vai ser versado em voz alta, não só, às vezes, mas é uma característica, é um texto que tem que abrir o pólen tanto na orelha, quanto na cabeça de quem tá lendo sozinho, ônibus ou em casa. Essa é uma das marcas, né? (Allan da Rosa, em entrevista à pesquisadora no dia 11/09/2010) (VIERA, 2011, p. 73)

As palavras de Allan da Rosa fortalecem a importância e urgência da oralidade vinculada a este tipo de literatura, uma vez que é ela que fará com que os analfabetos, citados anteriormente por Viera, comecem a querer ser alfabetizados. Não necessariamente o analfabetismo se refere às pessoas ágrafas, por mais que elas existam em grande número, mas sim, àquelas pessoas que sempre quiseram, porém não se encorajaram a encontrar a literatura que vivenciam cotidianamente. Vários poetas anônimos, como o próprio Da Rosa, começam a apontar e se mostrar nestes espaços, dentro da periferia. E uma vez que atingem a escrita, através de publicações de livros, blogs ou quaisquer outros meios, não deixam de permanecerem com a oralidade. Ou seja, há uma mescla onde uma sobrevive com e através da outra.

A literatura é, portanto, a forma de expressão de vida, de experiência, de luta, de dor, de riso, de sonhos, de conquistas, e de acreditar que é possível ser e fazer arte, independente dos clássicos estilos adotados no decorrer da história. Entender literatura como um resgate social é entender literatura como sociedade e por quem faz a sociedade.

3 Cadê a Vila da Quinta?

A comunidade da Vila da Quinta é o quinto distrito da cidade de Rio Grande. Tem por característica estar na fronteira entre a zona rural e a zona urbana da cidade. (Ver imagem 1). Isso faz com que se tenha, na Escola Estadual de Ensino Médio e Fundamental Lília Neves (a única estadual e também com ensino médio na comunidade) alunos oriundos de diversos bairros próximos, como Parque Marinha e Carreiros (urbanos), Ilha dos Marinheiros, Ilha do Leonídio, Torotama, Quitéria, Arraial, Taím (rurais). Na comunidade da Quitéria está localizado o quilombo dos Macanudos, e no Arraial, o dos Amaral. No entanto, poucos são os alunos negros estudantes desta escola. E ainda, há os que apresentam a pele negra, no entanto a personalidade

totalmente embranquecida. Esta problemática me atinge como moradora da comunidade, como ex-aluna dessa escola e me faz agir como professora e estudante de Literatura Luso-Africana.

No mapa de Cano e Olmilla de 1777, a área corresponde ao atual distrito, já consta a denominação “Quinta do Cap. Mor.” Segundo consta a tradição oral, a origem do nome Quinta vem de uma enorme quinta de árvores frutíferas de uma residência que existia na estrada que segue para o Taim. (...) A Quinta do Capital Mor – local de moradia e Quartel da Comandância Militar nos anos de 1780 – fazia parte de um sistema de ocupação territorial baseada nas doações das antigas sesmarias, espaço de moradia e administrativo na reordenação fundiária após a retomada de domínio espanhol em Rio Grande demarcando juridicamente a posse definitiva do território sul para a Coroa Portuguesa. (...) O então povoado de escassas residências adotava o nome de Estação Quinta. Agora seria mais uma moradia de caráter militarização com suas árvores frutíferas, o referencial histórico de nome herdado, mas sim, um suntuoso prédio de alvenaria e telhas de zinco que, no trajeto ferroviário, seria um ponto de parada estratégico e obrigatório aos caminhos do sul.(...) A povoação da Quinta crescia neste emaranhado de jogos de poder. Passava aos poucos a ser o contato inicial, o entorno das ações políticas, centralizada pela sua posição geográfica. Nossos chefes locais tinham suas origens na monarquia e na escravatura e fiéis aos seus princípios inauguram a Sociedade e Instrução e Recreio da Quinta(SIRQ), em 1903. Queriam um clube que dispusesse de recreação, cultura e divertimento para a elite quintense. Negro não lhes era permitida a entrada e fazem em torno de 30 anos que a presença deles foi aceita. (MENDONÇA, 2013, p. 5)

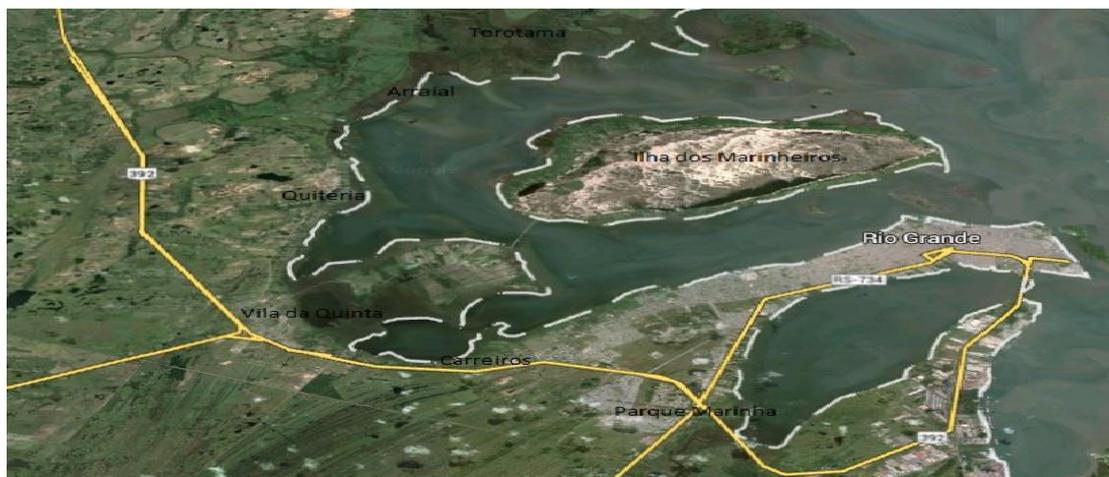


Imagem 1 - Mapa geográfico demonstrando a localização da Quinta em relação à Zona Urbana e Rural.

Fonte: Google Maps

Com a história da fundação da SIRQ, coloca-se em cheque a divisão entre bailes de brancos e de negros que apenas há muito pouco tempo foi destituída. O carnaval sempre foi o mais representativo evento que demonstra essa separação. Havia clubes só de brancos e só de negros, como era o caso do Estrela do Oriente (Ver imagem 2), do qual alguns integrantes da Família Amaral, citada logo abaixo, faziam parte.



Veridiana Amaral e Crescentino do Amaral (No clube Estrela do Oriente) - Foto do arquivo pessoal de Graça Amaral

Em relação ao quilombo macanudo, a senhora Maria da Graça Amaral, descendente de escravos alforriados da Quinta, é uma das grandes mantenedoras desta história e luta junto de alguns dos outros descendentes desta família. Em uma entrevista publicada na mesma revista temos o seguinte:

O Quilombo Macanudo como foi denominado o Quilombo da Quinta, formou-se a partir de uma escrava chamada Maria Badala, vinda do Maranhão para trabalhar nas terras da família Amaral. (...) A escrava veio juntamente com seu filho Gregório e com outros escravos rebeldes, aqui deu à luz a outro menino. Trabalhando na agricultura Maria encontrou uma moeda de ouro (Pataca), com essa moeda comprou um tipo de bilhete da sorte, cujo prêmio era bem alto, foi sorteada, com o dinheiro do respectivo prêmio, Maria teria comprado sua liberdade e a liberdade de seus dois filhos, bem como uma porção de terras localizada na Quitéria. Após ter recebido sua alforria, seus filhos adotaram o sobrenome da família à qual haviam pertencido. Gregório Amaral estabeleceu-se nas terras compradas por sua mãe, onde constituiu uma numerosa família com doze filhos.

Conforme relato de Maria da Graça, o Quilombo foi fundado em 1854. Alguns integrantes da família Amaral permanecem nas terras do Quilombo até a década de 1980, quando saíram para se estabelecer na Vila da Quinta. Atualmente, as terras do Quilombo estão sendo requisitadas com documentação de Maria Amaral (Macanudos), 72 anos, filha de Gregório do Amaral Filho. (FIGUEIRA, 2013, p. 14)

Dona Graça Amaral, junto com suas filhas e sobrinhas, tem vivenciado um caminho sem fim, tentando estimular a valorização do Quilombo Macanudos entre seus moradores.

Dessa forma, destaca a identidade e o valor de um povo que permanece invisível nessa comunidade mesmo tendo longa presença física, econômica, cultural e social. Junto com ela, pergunto onde está o negro¹². No entanto, não estou com isso buscando (e/ou valorizando) a cor da pele de alguém, mas sim provocando reflexões sobre o que é ser negro no Brasil, sobretudo a partir do surgimento de novas modalidades de representação e autorrepresentação que não se prendem, necessariamente,

À cor, fenótipo ou etnia do dramaturgo, ator, diretor, ou do sujeito que encena, mas se ancora nessa cor e fenótipo, na experiência, memória e lugar desse sujeito, erigidos esses elementos como signos que o projetam e representam (...), buscando discernir alguns traços e rastros sógnicos que me permitam apreender a nervura da diferença, evitando, assim, o engodo das concepções generalizantes e universalistas, que, muitas vezes, discriminam sem, no entanto, compreender e apontar, criticamente, os traços da diversidade. (MARTINS, 1995, p. 27)

Como moradora do bairro, vivenciei o silenciamento da população negra aqui existente como natural, pois não tinha em mim as informações e olhos que querem ver e que adquirir no decorrer de minhas experiências.

4 Cadê o negro da Vila da Quinta?

Instituí este projeto – ainda não da forma nem com o nome que tem – em 2013, quando assumi a vaga no concurso público na EEEM Lília Neves. Não consegui, e também não fiz esforço para permanecer inerte à realidade de autoritarismo que ainda existe nesta instituição de ensino. Comecei a agir depois que ouvi da diretora que eu não deveria trabalhar com Literatura Periférica na sala de aula porque, além da linguagem e temática serem violentas, o livro apresentava situações que nem a escola nem a comunidade conheciam: tráfico de drogas, drogadição, estupro.

Talvez, o receio da escola em receber este tipo de arte como instrumento de estudo e análise deva-se pelo peso que a palavra “marginal” carrega do decorrer da história brasileira:

- ALÔ É QUAMPA?
- não...é engano.
- alô, é quampa?
- não é do bar patamar
- alô é quampa?
- é ele mesmo, quem tá falando?

¹² Referência ao projeto “Cadê o Negro da Vila da Quinta?”, que será apresentado logo abaixo.

- é o foga mota da pesquisa jota brasil, gostaria de saber suas impressões sobre essa tal de poesia marginal.

- ahhh...a poesia. a poesia é magistral, mas marginal pra mim é novidade. você que é bem informado, mi diga: a poesia matou alguém, andou roubando, aplicou cheque frio, jogou alguma bomba no senado?(...) (CHACAL, 2007, p. 293)

O termo periférico, portanto, designa o lugar de onde procedem os principais agentes do campo literário que se forma nas periferias urbanas. Já a expressão à margem é polissêmica, não se relaciona somente à ideia de criminalidade.

No decorrer das minhas aulas como professora de Língua Portuguesa, no ano de 2013, procurei abordar a história negra do Brasil, através da origem dos quilombos e das lutas quilombolas. Houve resistência, principalmente por parte dos próprios alunos, questionando-me sobre o que isso tem a ver com a gramática. Justifiquei com a Lei 10.639/03 não só para eles, como também para a direção e a supervisão pedagógica. E aqui me questiono até que ponto o negro brasileiro precisa carregar essa dupla identificação como divisão: negro e brasileiro.

O olhar do branco sobre o negro (...) é um olhar negativo, porém um olhar que o identifica como negro. A luta do negro (...) baseou-se em desfazer essa imagem negativa que ele mesmo havia introjetado para em seguida construir uma imagem positiva de si mesmo. Primeiro para seu próprio benefício, isto é, para sua auto-afirmação de ser humano com dignidade e merecedor de respeito; logo, para enfrentar o branco e forçá-lo a mudar a imagem que construiu do negro. E é no bojo desse confronto com o branco que a demanda por reparações (incluindo ações afirmativas) foi colocada. Houve aqui sofrimento, humilhação e neurose; porém, a patologia do duplo vínculo não foi estruturante da relação com o branco, porque a mensagem do branco, apesar de unilateral, foi basicamente unívoca e consistente: o negro é um inferior, porém é também uma alteridade – e como tal, sua referência é a identidade do branco que foi auto-afirmada de um modo inequívoco. E foi fincando o pé nessa condição de alteridade – isto é, de não-branco – que a luta anti-racista se estruturou com a finalidade de reverter esse discurso unilateral. (CARVALHO, 2004, p. 9)

Ao chamar a atenção para essa segunda personalidade, além de sua nacionalidade, busquei exatamente esclarecer a valorização, história e cultura negras que tanto são apagadas, ausentes, negadas e desconhecidas até, por grande parte de nós, educadores.

Dessa forma, consegui, no segundo trimestre, organizar uma oficina de arte com temática africanista. José Darci, Jonas Fernando e Laura Barbosa são artistas plásticos consagrados e premiados no Brasil e exterior e foram até à escola conversar com os adolescentes. No turno da manhã realizaram oficinas de desenho com as minhas turmas (ver imagem 3), e à noite efetivaram uma palestra com todos os estudantes e profissionais de trabalho do turno.



Imagem 3 – Oficina de criação de Orixá no turno da manhã. Fotos do arquivo da autora.

O interesse dos alunos, despertado neste dia, fez com que eu amadurecesse a ideia para aprofundar o trabalho no ano de 2014, quando organizei o projeto intitulado “Cadê o Negro da Vila da Quinta?”, que tem por base oferecer, mensalmente, atividades relacionadas à identidade negra na escola. O primeiro encontro, ocorrido em abril, abordou a intolerância religiosa e contou com palestrantes membros do COMDESCCON - Conselho Municipal de Desenvolvimento Social e Cultural da Comunidade Negra - falando sobre suas funções e reivindicações, dentre elas os tipos e porquês das Cotas. Outras oficinas abordaram temas como homossexualidade x homofobia, capoeira, dança hip-hop. A direção me ofereceu um sábado letivo para efetivar este encontro, e os professores que escolhessem poderiam levar suas turmas para participar. Para surpresa de todos, inclusive e principalmente a minha, houve mais de trezentas assinaturas na ata de presença contabilizadas ao final do dia. Essa demanda fez com que a escola tivesse interesse em tornar esse projeto parte do seu Projeto Político Pedagógico (PPP), o que será efetivado em 2015. No entanto, os outros encontros deveriam ocorrer em sábados não-letivos. Esta exigência fez com que o número total de assinaturas caísse para uma média de duzentos nomes, uma vez que os alunos que necessitam de transporte escolar para ir à escola não podem participar, e que os que trabalham não obtêm licença por não ser uma atividade obrigatória.

Os outros encontros apresentaram, de novo, arte, política e estética negra através de tranças e turbantes, sendo que houve um dia específico para o movimento hip-hop. Com essa atividade, consegui ver o entusiasmo concreto dos alunos, com a elaboração do graffiti (ver figura 3) e a participação direta nas oficinas que envolviam a música e a dança. Logo após este encontro, por problemas diversos, somente em novembro consegui organizar o mês da

consciência negra com dois eventos (Ver imagem 4), em dias letivos da semana, terça (04) e quinta (13).- o que ocasionou grandes divisões de opiniões e interesses em professores que não haviam participado ainda de nenhuma atividade.

O projeto conta, desde abril, com o apoio, força e credibilidade de apenas um colega da escola, professor Michel Caurio, de Biologia, dentre todos os outros mais de 60 funcionários que a escola agrupa. No entanto, grandes mudanças ocorreram do início do ano até agora. Estamos tendo grande apoio da Diretora, por mais que alguns vices (de turnos) sejam contrários. Alguns alunos já se sentem parte integrante das atividades, estão, inclusive, aparecendo artistas de graffiti e rappers que antes se negavam a participar.

Nesses dois dias, tivemos atividades nos três turnos: manhã, tarde e noite e sempre houve grande número de participantes. Algumas pessoas contrárias, ao escutarem as falas dos oficinairos, tornaram-se mais maleáveis em relação a seus discursos, e outros, por termos “tirado” os alunos da sala de aula, negaram-se a estar no pátio conosco.

Um dos conflitos justamente nos fez procurar outro espaço para as conversas, já que alguns professores permaneceram em aula – e aplicando avaliações escritas – para suas turmas. Conseguimos a sede do CTG emprestada e lá aplicamos as atividades que seriam em sala de aula. No dia 04, o estilo musical que encerrou a noite foi samba de roda, formado por alguns anciões que têm paixão em cantar e tocar (ver imagem 5). No dia 13, novamente o Hip-hop fez a festa junto com a garotada.



Imagem 3 - Parte do público participante do dia do hip-hop na escola – Maio 2014 - Fotos do arquivo da autora.



Imagem 4 – Cartaz organizado por mim, em novembro. Com desenho do aluno do 3º, Reger Munhoz. Fotos do arquivo da autora



Imagem 5: Segundo grafite¹³ produzido na escola e apresentações dos rapper's - Fotos do arquivo da autora

Em uma das apresentações do hip-hop, um aluno, Iuri (o menino branco com skate em meio aos negros na imagem três) juntou-se a eles para cantar e foi criticado, disseram-lhe que “isso é coisa de negão”. No que ele respondeu: “Quem disse isso? E quem te disse que não sou tão negro quanto tu?”. Essa foi uma das riquezas que escutei naquele dia, e depois disso formaram um grupo “África/Brasil” onde interpretam hip-hop's nacionais e alguns de suas próprias autorias.

Pensando nessa resposta do Iuri, questiono a definição de raça:

O que se pode depreender, ao menos provisoriamente, é que no mundo contemporâneo o significado de raça tem crescido na mesma proporção de sua negação enquanto uma categoria que nos permite extrair algum tipo de inteligibilidade no interior de processos sociais entre grupos, classes e comunidades de uma dada

¹³ Ambas as obras são de Diego Danos Moraes.

sociedade. Com raras exceções, raça contemporaneamente tem sido entendida enquanto um constructo social, não se referindo a qualquer categoria biológica. Por exemplo, os termos branco e negro que, aparentemente, podem nos levar a uma certa "essencialização racial por meio da cor" são normalmente apreendidos numa dinâmica de interação que os submete a um campo ideológico constituído de estereótipos, de preconceitos que apresentam a imagem do negro inferiorizada em relação à do branco (D'Adesky, 2001, p. 34). Para este autor, a longa história de constituição deste campo ideológico no mundo ocidental tem causado que as populações de ascendência ou origem africana encontrem-se permanentemente subjugadas a um cânone estético ocidental helênico, que é o reflexo de uma cultura hegemônica que estabelece fronteiras entre o feio e o bonito, o desejável e o indesejável, o valorizado e o desvalorizado (D'ADESKY apud SILVA, 2003, p. 58)

Sei que o racismo e a discriminação racial não serão eliminados com o projeto que propus e que a discussão precisa ser diária. Assim, o projeto continuou, mais silencioso, nas minhas aulas de Literatura Brasileira, em sala de aula. Trouxe então a problemática da literatura periférica discutida nos terceiros anos do Ensino Médio através de dois eventos ocorridos em São Paulo, a Semana da Arte Moderna de 1922, e a Semana da Arte Moderna Periférica, em 2007. O cruzamento dos ideais, a análise dos poemas e da biografia dos autores, os paralelos das épocas e dos anseios entusiasma os alunos com as descobertas que temos feitos juntos. Desta forma, consigo debater, também, a diferença entre a Literatura produzida pelos Concretistas (que usa das vanguardas e faz parte do cânone literário) e a produzida pela Periferia (que incorpora linguagem, discursos e práticas estranhas ao cânone literário), ou ainda problematizar a visão utópica ou fantasiosa que as obras modernistas, feitas pela elite paulistana, produziram sobre as camadas populares da sociedade da época.

O foco principal da comparação entre as duas semanas de arte moderna foi a leitura e a discussão de ambos os manifestos¹⁴ e de seus principais autores, pois, diferentemente da escrita literária do movimento Modernista no Brasil,

produzido pela elite, a Literatura Periférica é feita por artistas considerados à margem da sociedade, moradores das periferias, ribeirinhos, catadores de lixo, presidiários, entre outros. Estes escritores veem na literatura uma forma de construir sua identidade perante a sociedade, apontando os problemas que envolvem o meio do qual participam. (VIERA, 2011, p. 15)

¹⁴ Disponíveis em: < <http://maniadehistoria.wordpress.com/manifesto-da-semana-de-arte-moderna-1922/> e <http://coleccionadordepedras.blogspot.com.br/2007/10/manifesto-da-antropofagia-perifrica.html>>. Acesso em: 19 jul. 2014.

A Literatura periférica foi apresentada aos alunos através do projeto de Sérgio Vaz, a Cooperifa (Cooperação Cultural da Periferia), movimento escolhido pela sua organização e tempo de atividade literária.

A periferia não é apenas um lugar geográfico, é um lugar de referência, de vida, de identidade. Ser periférico é uma característica de luta, de busca, de sonho. Ou, nas palavras de Allan da Rosa:

Lutando contra um lugar e criando um lugar próprio, jogando dentro deste lugar com que se luta e onde se luta. Jogando com o envolvente. Com o espírito do chão e da flora, dos animais, dos objetos com sua função, forma, matéria e significado mítico. Jogar é territorializar, bolar um recentramento, mas na condição de reconhecer outros centros, outras subjetividades, outras presenças simbólicas com que se conversa (...) (ROSA, 2013, p. 33)

Enfim, assim como a Semana da Arte Periférica, os saraus que seguiram do Cooperifa não poderiam ocorrer fora da periferia, porque é uma literatura feita por periféricos para periféricos:

A *Edições Toró* apresenta seus livros com uma estética artesanal, sendo geralmente seus livros vendidos ao custo de R\$10,00 a R\$ 15,00. A editora alternativa 71 também possui um site na internet que facilita a visualização das obras, e onde podem ser lidos trechos das obras lançadas pela editora. A compra pode ser efetuada pela internet, via contato com o próprio Allan da Rosa.

O escritor afirma que a *Edições Toró* foi criada para atender ao público da periferia e principalmente para chamar a atenção para a leitura:

Eu tive a idéia de fazer um livro que seja uma obra de artes plásticas, livros que sejam interessantes plasticamente. A estética do livro faz muita diferença num país como o nosso que é periferia, né? Livro com pano, livro escrito a mão, um livro com gráfica, um livro que chame atenção da palma, da alma da pessoa. E a possibilidade de ter a situação independente desse circuito de literatura, foi acontecendo ao mesmo tempo, né? O pique do editorial, o pique do sarau, a criação textual. (Allan da Rosa, entrevista concedida a pesquisadora em 11/09/2010). (VIERA, 2011, p. 70)

Ao contrário do que ocorreu com a Semana da Arte Moderna de 1922, que foi feita para a elite pensar a periferia, como ela se apresentava na época. Ou seja, os seres periféricos eram apenas alvo de sua arte e não agentes participativos. A partir do aparecimento das vanguardas, pode-se dizer que há uma ruptura com uma estética elitizada, na qual desponta um novo modo de fazer arte que propunha como matéria prima a utilização de elementos populares e da modernidade como o folclore, a linguagem coloquial, as ideias nacionalistas, a mídia como forma de divulgação através de revistas e jornais, entre outros elementos que não eram habituais.

A intenção da proposta de trabalho aos alunos do 3º ano foi a valorização de uma literatura que segue desconhecida e ignorada nas classes escolares, jamais menosprezar Mário de Andrade ou Oswald de Andrade, por exemplo, visto que tanto eles quanto Allan da Rosa, Sérgio Vaz e também o seu Lorival, taxista aposentado participante do Cooperifa, podem escrever com qualidade.

Houve resistência pela aceitação desta literatura em sala de aula devido a traços de oralidade misturados a termos da linguagem culta. Incorreções ortográficas, sintáticas ou de pontuação que ela apresenta igualmente geraram estranhamento nos estudantes. A presença de cenas violentas, e principalmente, de palavrões foram algumas das justificativas que utilizaram tentando me proibir de utilizar tais obras em sala de aula. No entanto, a resistência e teimosia em mantê-los no cronograma por mim escolhido fez com que a literatura marginal começasse a ser vista como pluralidade, inclusive no que se refere à gama de definições sobre o que é e para que serve Literatura. Ela não deve ser, por exemplo, tachada simplesmente de violenta ou de retrato da pobreza e da marginalidade, como costuma ocorrer, pois, não podemos esquecer que há concepções simbólicas e imaginárias que afastam diferentes culturas, o que acaba condenando muitos espaços a se tornarem imagens de exclusão devido ao prestígio social de que desfrutam. Contudo podemos considerar que artistas sempre existiram para poder mudar este cenário e formar uma concepção artística pertinente aos diversos segmentos da cultura e da população brasileiras. Há também a forte influência na atualidade de um sistema de consumo cultural.

O que nos faz pensar na expressão de Bourdieu “Capital cultural” utilizada para analisar situações de classe na sociedade. Podemos entender que o capital cultural caracteriza subculturas de classe ou de setores de classe. Ou seja, parte da obra de Bourdieu é dedicada à descrição minuciosa da cultura – e aqui se pode entender gostos, estilos, valores, estruturas psicológicas, etc. - que decorre das condições de vida específicas encontradas nas diferentes classes, estruturando as suas características e contribuindo para distinguir, classes econômicas, por exemplo, a burguesia tradicional da nova pequena burguesia e esta da classe trabalhadora.

Entretanto, o capital cultural é mais do que uma subcultura de classe; é tido como um recurso de poder que equivale e se destaca - no duplo sentido de se separar e de ter uma relevância especial - de outros recursos, especialmente, e tendo como referência básica, os recursos econômicos. Daí o termo capital associado ao termo cultura; uma analogia ao poder e ao aspecto utilitário relacionado à posse de determinadas informações, aos gostos e atividades culturais. Além do capital cultural existiriam as outras formas básicas de capital: o capital econômico, o capital social (os contatos) e o capital simbólico (o prestígio) que juntos formam as classes sociais ou o espaço multidimensional das formas de poder. (SILVA, 1995, p. 25)

Talvez os alunos terceiristas e também todos aqueles que participaram do projeto “Cadê o negro da Vila da Quinta?”, que, assim como eu, sempre estudaram na mesma escola tradicional, estejam repensando suas formas de ver o mundo para além dos muros da escola. Tenho esperança de que, ao chegar à Universidade, eles possam encontrar também negros e negras e sujeitos das periferias e saber o esforço que foi para cada um deles estar ali, saber o que carregam além dos livros, saber o que os olhos buscam e como buscam. Saber que negros e brancos, assim como os moradores de periferias, não são iguais, não apenas pela presença ou ausência de melanina, ou pelos traços que marcam seu estigma como populares (modos de vestir, linguagem, práticas sociais e culturais), mas pela presença ou ausência de luta para conseguir obter respeito pela sua pessoa e por suas comunidades.

A aula de literatura, enfim, pode ser o espaço para não só desmistificar o conceito de literário como abordar a autoimagem e a identidade, pois sei que tanto os estudantes que participam do projeto quanto os que tiveram acesso às aulas sobre o Modernismo x Literatura Periférica, contribuíram e muito com suas opiniões, pensamentos, questionamentos e anseios. Dessa forma, acredito que, quando o meu objetivo for alcançado, tanto o meu modo de ver a educação, quanto a Literatura que defendo estarão cada vez mais fortes e vivas, não só em mim, mas também neles, que espalharão um pouquinho dessa aprendizagem que estamos tendo juntos.

REFERÊNCIAS

- ABAURRE, Maria Luiza M. et al. **Português: contexto, interlocução e sentido**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2013.
- ALVES, Roberta Hernandez. **Língua Portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2013.
- AMARAL, Emília et al. **Novas Palavras**: 1º ano. 2. ed. São Paulo: FTD, 2013.
- BOURDIEU, P. **O Poder simbólico**. Tradutor de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Ed. Bertand Brasil S. A., 1989.
- CARVALHO, José Jorge. **Bases para uma aliança negro-branco-indígena contra a discriminação étnica e racial do Brasil**. Brasília: 2014. Disponível em: <www.ciadejovensgruots.org.br/livros/racismo%20indios%20e%20negros.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2015.
- CHACAL. **Belvedere**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Quem pode fazer literatura, afinal?**. Disponível em: <<http://grupo-demode.tumblr.com/post/120430588512/quem-pode-fazer-literatura-afinal>>. Acesso em: 11 abr. 2015.

FACARO, Carlos Alberto. **Português: língua e cultura: língua portuguesa, 1º ano: ensino médio: manual do professor**. 3. ed. Curitiba, PR: Base editorial, 2013.

FIGUEIRA, Vera Maria Marques. O quilombo Macanudo. SIRQ: Sociedade, Instrução e Recreio. In: **ArtEstação nos trilhos da cultura**. Ano 03. n. 03. Jan 2013. p. 22.

HONORATO, Severino. **Vozes marginais da literatura**. Disponível em <<http://poesiasdedonsevero.blogspot.com.br/2010/11/vozes-marginais-na-literatura.html>>. Acesso em: 01 jul. 2014.

MARTINS, Leda Maria. **A cena em sombras**. São Paulo: Perspectiva, 1995.

MENDONÇA, Cledenir Vergara. SIRQ: Sociedade, Instrução e Recreio. In: **ArtEstação nos trilhos da Cultura**. Ano 03. N.3. Jan. 2013. p. 22.

NASCIMENTO, Érica Peçanha. **É tudo nosso!** Produção cultural na periferia paulistana. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-12112012-092647/pt-br.php>> Acesso em: 01 jul. 2014.

RAMOS, Rogério de Araújo (editor Responsável). **Ser protagonista: língua portuguesa, 1º ano: ensino médio**. 2. ed. São Paulo: Edições SM, 2013.

ROSA, Allan da. **Pedagogia, autonomia e mocambagem**. Rio de Janeiro, Aeroplano, 2013.

SILVA, Gilda Olinto do Valle. Capital Cultural, Classe e gênero em Bourdieu. INFORMARE - Cad Prog Pós-Grado CioInf., v.1, n.2, p.24-36, jul./dez. 1995. Disponível em: <<http://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/215/1/OlintoSilvaINFORMAREv1n2.pdf>>. Acesso em: 03 jun. 2015.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e & SILVÉRIO, Valter Roberto. **Educação e ações afirmativas: entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica** – Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2003.

SILVEIRA, Elza Gonçalves da. **Sobre a literatura Xacriabá**. Belo Horizonte: FALE/UFMG: CGEEI/SECAD/MEC, 2005.

VAZ, Sérgio. **Colecionador de Pedras**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007.

_____. **Cooperifa: Antropofagia periférica**. Rio de Janeiro: Aeroplano: 2008

VIERA, Aline Deyques. **O clarim dos marginalizados**. A literatura marginal/periférica na Literatura Brasileira Contemporânea. Disponível em: <http://www.bdt.uerj.br/tde_busca/processaPesquisa.phppesqExecutada=1&id=1973&PHPS ESSID=3gqtv7nik6o6t6a7f8nnf0bep4>. Acesso em: 01 jul. 2014.

_____. **Quando o clarim soou: considerações sobre literatura marginal/periférica, identidade, recepção e políticas públicas.** Disponível em: <<https://www.metaeventos.net/userfiles/file/Simp%C3%B3sios%20CIFALE/Cifale-simposio-Narrativas,%20contemporaneidade,%20rupturas.pdf>>. Acesso em: 01 jul. 2014.

[Recebido: 20 maio 15 – Aceito: 30 jun. 15]